
Laura Bellini
A Noite Tem Suas Iniciais
As palavras de outra pessoa
podem brilhar perto demais
do próprio coração

A Noite Tem Suas Iniciais

As palavras de outra pessoa podem brilhar perto demais do próprio coração

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384902301

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Os Limites da Luz 12
Capítulo 2 - Um Acordo Sobre Palavras Alheias 22
Capítulo 3 - Onde a Luz se Quebra 34
Capítulo 4 - Fora do Enquadramento 45
Capítulo 5 - O Direito de Dizer Não 57
Capítulo 6 - A Distância de Uma Respiração 68
Capítulo 7 - Palavras que Alguém Reconheceu 80
Capítulo 8 - O Lugar para Onde Ele Voltava 91
Capítulo 9 - O Preço de Uma Noite 102
Capítulo 10 - Quando Paramos de Fingir 113
Capítulo 11 - Uma Manhã Sem Máscaras 125
Capítulo 12 - Uma Marca Sob a Tinta 137
Capítulo 13 - A Luz Sob o Controle de Outra Pessoa 150
Capítulo 14 - A Verdade Contada Pela Metade 161
Capítulo 15 - As Iniciais que Não Podiam Ser Escondidas 172
Capítulo 16 - A Escuridão Entre Nós 183
Capítulo 17 - O Que Resta Depois que as Luzes se Apagam 194
Capítulo 18 - O Consentimento para a Verdade 206
Capítulo 19 - Tudo o Que Não Dissemos 219
Capítulo 20 - A Noite que Ficou Conosco 231

INTRO

A primeira vez que vi meu sobrenome projetado numa parede, foi justamente numa parede que eu não queria iluminar.

As letras brancas tremeluziam sobre os tijolos úmidos de um antigo prédio de Toruń, logo acima da cabeça dos pedestres. GAJ. Alguém havia acrescentado meu sobrenome à projeção de teste, embora o arquivo que eu aprovara na noite anterior não contivesse nenhum nome. Havia apenas fragmentos de cartas anônimas, datas e lugares preservados na memória de seus autores. Nenhuma informação que permitisse identificar alguém. Essa era a regra mais importante do meu projeto.

Eu estava parada no meio da ruela, segurando um copo de café frio, observando meu sobrenome se desfazer em pixels luminosos.

— Desliguem isso — ordenei pelo rádio comunicador.

Ouvi um chiado no aparelho.

— Ilza, ainda temos sete minutos de teste.

— Então podemos passar sete minutos olhando para uma parede escura.

A luz se apagou. Em seu lugar, reapareceu a superfície irregular da parede antiga, trazendo consigo uma sensação familiar de alívio. A escuridão nunca me assustara. Havia seis anos, meu trabalho consistia em convencer as pessoas de que nem tudo precisava ser visível para ter importância.

Eu tinha trinta anos, meu próprio estúdio de design e experiência suficiente para saber que os erros mais caros

começavam com a ideia aparentemente inocente de alguém querendo melhorar alguma coisa.

O festival de luzes de Toruń seria meu primeiro projeto realizado inteiramente sob minhas próprias condições. Sem um grande estúdio assinando o trabalho. Sem um chefe alterando meu conceito cinco minutos antes da apresentação. Sem um homem garantindo que acreditava no meu talento até o momento em que eu começava a tomar decisões por conta própria.

Peguei o celular e abri o cronograma. Faltavam nove dias para a abertura oficial do festival. A instalação intitulada "Cartas Depois do Anoitecer" conduziria os visitantes por três pátios e terminaria numa parede voltada para o rio Vístula. Frases anônimas surgiriam lentamente, como se alguém só encontrasse coragem para pronunciá-las depois que a noite caísse.

Era uma ideia que eu desejava realizar havia muito tempo. Queria que as pessoas parassem diante das palavras de desconhecidos, em vez de imediatamente pegarem seus celulares. Que pudessem sentir algo próprio por alguns instantes, sem descobrir a quem deveriam agradecer por aquilo.

— Senhora Gaj?

Virei-me.

Um homem estava parado a poucos passos, com a câmera apoiada no quadril. Usava um casaco escuro, um suéter com as mangas dobradas de maneira descuidada e tinha os cabelos desalinhados pelo vento que vinha do rio. Não parecia fazer parte da equipe técnica. Não usava crachá nem demonstrava aquela pressa característica de todos os envolvidos na preparação do festival.

— Depende de quem está perguntando.

— Karol Witek. Fotógrafo.

Eu sabia quem ele era. Seu nome aparecera naquela manhã numa mensagem da coordenadora do festival, acompanhada da informação de que os organizadores o haviam convidado para documentar as instalações. Eu não havia pedido um fotógrafo. Muito menos um cujo portfólio consistia principalmente em retratos de pessoas que pareciam ter acabado de decidir contar a verdade.

— Se está procurando o credenciamento, o escritório do festival fica na rua Szeroka.

— Não é sobre o credenciamento.

Ele olhou para a parede agora apagada.

— Por que mandou desligar a projeção?

— Porque alguém alterou o arquivo sem meu conhecimento.

— E se não fosse o seu sobrenome?

Não gostei da pergunta. Gostei ainda menos do fato de ele tê-la feito sem qualquer provocação, como se estivesse genuinamente interessado na resposta.

— Eu também teria mandado desligar. O anonimato é uma condição para participar, não um elemento decorativo.

Karol me observou atentamente durante alguns instantes. Tinha pouco mais de trinta anos, talvez trinta e seis, e o olhar de alguém acostumado a esperar pelo momento em que as pessoas deixavam de posar. Por fim, assentiu.

— Ótimo.

— O que é ótimo?

— Eu queria saber se a senhora estava protegendo apenas o próprio sobrenome ou todos os outros também.

Eu deveria ter ficado indignada. Em vez disso, senti uma curiosidade relutante.

— O senhor costuma testar as pessoas antes de dizer bom dia?

— Normalmente, digo bom dia. Mas hoje a senhora já tinha dado três ordens antes mesmo de eu me aproximar.

— Duas.

— A terceira foi com o olhar.

Ele esboçou um sorriso discreto. Não era o sorriso de um homem tentando conquistar minha simpatia. Parecia mais o de alguém que havia percebido um pequeno detalhe e decidido guardá-lo para si.

Antes que eu pudesse responder, meu celular tocou. O nome de Marta, coordenadora da programação artística, apareceu na tela.

— Diga que encontrou o responsável pela troca do arquivo — falei ao atender.

— Ainda não. Mas tenho outro problema.

Fechei os olhos.

— Que tipo de problema?

— A comissão quer ver amanhã de manhã toda a documentação sobre a origem dos textos. Um dos parceiros do festival levantou dúvidas sobre as autorizações. Precisamos verificar novamente os materiais antes que a instalação seja liberada para exibição pública.

Olhei para Karol. Ele não havia ido embora, embora tivesse se virado discretamente na direção da rua.

— Todas as autorizações estão no arquivo — respondi.

— Eu sei. Só que algumas cartas vieram de uma coleção em papel cedida por uma associação. A documentação não é padronizada. Karol vai ajudar você a verificar a procedência dos materiais e preparar o registro visual.

— Karol?

— Witek. Ele já está aí.

Olhei novamente para ele. Dessa vez, ergueu a câmera, mostrando-a como se fosse uma prova de inocência.

— Nós não combinamos isso.

— Eu sei, Ilza. Desculpe. Mas, se amanhã não apresentarmos um procedimento confiável de verificação, a comissão vai suspender a projeção das cartas.

A ligação terminou antes que eu encontrasse uma resposta que não soasse como um palavrão.

Por alguns instantes, ouvi apenas as conversas distantes dos técnicos, o ruído das rodinhas de uma mala sendo arrastada sobre as pedras da rua e a risada de um casal que passava sob um arco de pedra. A mulher ajeitou o cachecol do homem. Fez isso naturalmente, sem desviar os olhos do rosto dele. Invejei aquela facilidade com que alguém podia cuidar de outra pessoa sem precisar negociar as condições.

— Imagino que a senhora não esteja muito satisfeita — comentou Karol.

— Essa é uma maneira bastante diplomática de colocar as coisas.

— Posso voltar amanhã. Não precisamos conversar agora.

Eu poderia deixá-lo ir embora. Também poderia passar a noite inteira sozinha examinando pastas e tentando descobrir se trinta e sete confissões alheias tinham sua procedência devidamente documentada. Em qualquer um dos casos, provavelmente não dormiria até o amanhecer.

— Primeiro quero ver suas fotografias de arquivo — falei. — Não o portfólio. Os materiais que possam ser usados para conferir a documentação.

— Vou enviar.

— E nada de fotografar os autores das cartas sem a autorização deles.

— Combinado.

Ele não tentou negociar nenhuma condição. Aquilo me surpreendeu mais do que suas perguntas anteriores.

Do bolso do casaco, tirou uma folha dobrada na qual percebi um pequeno número de catálogo.

— Recebi hoje algumas amostras dos materiais da associação. Uma delas está com o registro incompleto. Queria perguntar se a senhora já a tinha visto.

Ele desdobrou o papel apenas parcialmente. Vi algumas linhas manuscritas, bordas irregulares e uma data de oito anos antes. Entre as frases, havia trechos em que a tinta desbotara quase por completo.

Karol olhou para a folha e depois a dobrou novamente, com mais cuidado do que seria necessário.

— Algum problema? — perguntei.

— Ainda não sei.

Ele respondeu depressa demais. Pela primeira vez desde que nos conhecêramos, perdeu aquela segurança tranquila que antes tanto me irritara.

Estendi a mão.

— Posso ver?

Durante um segundo, ele manteve o papel preso entre os dedos. Depois, entregou-o a mim.

Restava apenas um fragmento completamente legível na folha:

"Se me faltar coragem para dizer isso a você durante o dia, procure minhas iniciais onde a noite termina."

Eu não conhecia o autor. Não sabia para quem ele escrevera nem por que não havia assinado as próprias palavras. Mesmo assim, li a frase duas vezes. Havia nela algo dolorosamente íntimo, como uma mensagem deixada num lugar para o qual apenas uma pessoa conhecia o caminho.

— Que texto lindo — murmurei.

Karol não respondeu.

Quando levantei os olhos, ele me observava de uma maneira diferente. A curiosidade divertida desaparecera de seu rosto. Em seu lugar havia uma tensão que eu ainda não sabia identificar.

— Nem toda carta deveria acabar projetada numa parede — disse finalmente.

— Mesmo quando alguém autorizou sua divulgação?

— Principalmente nesses casos, vale a pena verificar quem realmente tinha o direito de fazer isso.

Devolvi a folha. Nossos dedos se tocaram por um instante, e ele foi o primeiro a retirar a mão, deixando espaço para mim e para a minha escolha.

Eu poderia interpretar seu comportamento como simples cautela profissional. O bom senso dizia que era exatamente isso que eu deveria fazer.

Mas, enquanto ele se afastava em direção à praça do mercado iluminada, a última frase da carta continuava ecoando em minha memória. Observei sua silhueta ficando cada vez mais distante e me perguntei por que um homem desconhecido, que momentos antes me olhara nos olhos com tanta naturalidade, não conseguira sustentar meu olhar quando falei dos sentimentos que alguém nunca tivera coragem de confessar.

E por que eu desejava tanto que, da próxima vez, ele me contasse a verdade.

Capítulo 1 - Os Limites da Luz

Às oito da manhã do dia seguinte, a sala de reuniões do escritório do festival cheirava a café, casacos úmidos e papel que havia passado anos armazenado em condições inadequadas. Trinta e sete pastas estavam espalhadas sobre a mesa comprida. Cada uma continha a cópia de uma carta, uma identificação de arquivo e a documentação referente à transferência dos materiais pela associação. Algumas pastas tinham várias páginas; outras, apenas uma. Eu havia passado metade da noite organizando os documentos na ordem correspondente ao percurso planejado para a instalação. Agora, porém, olhava para eles com a inquietante consciência de que organização, por si só, não seria suficiente.

Marta apareceu carregando duas sacolas de papel com o café da manhã e a expressão de alguém prestes a pedir desculpas por algo que já não podia mudar.

— Trouxe um pão doce para você.

— Se isso for uma tentativa de suborno, deveria ter comprado a confeitaria inteira.

— Não temos dinheiro para isso. Fechamos o orçamento na semana passada.

Ela se sentou à minha frente. Nós nos conhecíamos havia três anos, mas só naquele projeto eu descobrira quanta pressão ela conseguia suportar sem levantar a voz. Tinha trinta e quatro anos, dois filhos e um talento especial para transmitir notícias catastróficas como se estivesse apenas avisando sobre uma mudança no horário do almoço.

— A comissão chega às onze — informou. — Eles querem ver não apenas as autorizações, mas também o procedimento que usamos para verificar se os trechos publicados correspondem aos originais.

— Está tudo preparado.

— Ilza, eu sei que você acredita nisso.

Olhei para ela por cima dos documentos.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que você criou um projeto visual excelente. Mas não pode resolver sozinha todas as dúvidas relacionadas ao arquivo.

— Não pretendo fazer isso. É para isso que existe a associação.

— A associação forneceu os materiais. Nós somos responsáveis pela utilização pública deles.

Não gostei do rumo daquela conversa, justamente porque compreendia a validade do argumento. Era muito mais difícil combater ideias que faziam sentido.

Abri o documento referente à carta identificada pelo número dezessete. Era exatamente o fragmento que Karol me mostrara na noite anterior. A autorização de disponibilização havia sido assinada pela pessoa que entregara a correspondência, mas faltava uma confirmação explícita de que o autor permitira sua apresentação pública. No registro da associação, ele constava como não identificado.

— Vou suspender esse texto — anunciei.

— Só esse?

— Por enquanto. Preciso verificar os demais.

— É justamente por isso que precisamos de um fotógrafo.

— Uma fotografia não substitui uma autorização.

— Não. Mas permite documentar o estado dos originais e verificar se alguma coisa foi acrescentada, cortada ou transcrita incorretamente.

A porta se abriu antes que eu pudesse responder.

Karol entrou carregando uma bolsa grande de lona e um estojo preto para a câmera. Dessa vez, vestia uma camisa grafite e calças escuras. Tinha a aparência de alguém que realmente conseguira dormir bem. Colocou o notebook sobre a mesa e, ao lado dele, um pequeno scanner portátil.

— Bom dia — cumprimentou. — Hoje vou começar seguindo as regras.

Marta sorriu, aliviada.

— Perfeito. Vou deixar vocês sozinhos por alguns minutos. Preciso conversar com a equipe técnica.

Ela saiu com uma rapidez surpreendente.

Karol examinou as pastas organizadas.

— Pelo visto, você não dormiu.

— Pelo visto, você gosta de comentar o óbvio.

— Só quando é importante.

Pousei a caneta.

— Vamos estabelecer algumas coisas desde já. Sou responsável pelo conceito artístico. Você cuida da documentação fotográfica e da análise técnica dos materiais. Não vamos alterar o conteúdo nem a ordem das projeções sem minha aprovação.

— Concordo com a primeira parte.

— E com a segunda?

— Não vou assinar uma documentação que sirva para justificar a utilização de textos cuja procedência não esteja clara.

Senti a irritação familiar ressurgir. Nos últimos anos, conhecera muitas pessoas que chamavam de preocupação com a qualidade aquilo que, na verdade, era uma interferência no trabalho alheio. Não queria mais uma.

— Ninguém está pedindo que você assine uma mentira.

— Então não temos nenhum problema.

— Temos, sim. Você está impondo condições antes mesmo de examinar todos os materiais.

Karol se sentou do outro lado da mesa.

— Estou estabelecendo uma condição para o meu próprio trabalho. Não para o seu.

Ficamos nos olhando em silêncio por alguns instantes. De perto, percebi uma pequena cicatriz junto à sobrancelha esquerda e uma ruga que surgia quando ele tentava conter um sorriso. Não parecia um homem fácil de constranger. Pior ainda, também não parecia alguém que precisasse vencer todas as discussões.

— Está bem — concordei finalmente. — Vamos examinar tudo. Mas a decisão sobre a composição artística é minha.

— É exatamente isso que espero.

— Por quê?

— Porque, se eu quisesse criar instalações luminosas, não teria vindo aqui com uma câmera.

Sorri, apesar da minha resistência.

Durante as duas horas seguintes, trabalhamos à mesa, interrompendo um ao outro de vez em quando para fazer perguntas. Karol fotografava os documentos sob luz difusa, conferia os números de catálogo e comparava as cópias com as descrições do arquivo. Tinha uma paciência que, inicialmente, eu não soubera apreciar. Não mudava os papéis de lugar sem perguntar, não tocava nas folhas delicadas com as mãos desprotegidas e sempre abria espaço para mim quando eu queria examinar algum trecho específico.

O que mais me surpreendeu foi sua capacidade de dizer "não sei" sem demonstrar o menor constrangimento.

Na pasta número nove, ele percebeu uma divergência entre a data no envelope e a registrada no catálogo.

— Há alguma coisa errada aqui.

Inclinei-me sobre o documento.

— Talvez a carta tenha sido enviada mais tarde.

— É possível. Mas a descrição registra a data de recebimento, não a de envio. Precisamos esclarecer isso.

— Toda diferença de alguns dias é importante?

— Nem toda. Mas, se estamos contando histórias verdadeiras às pessoas, não podemos escolher apenas os detalhes que nos convêm.

Levantei a cabeça.

— É uma instalação artística, não uma exposição histórica.

— Eu sei.

— Então por que tenho a impressão de que você não consegue distinguir uma coisa da outra?

Karol deixou a câmera de lado.

— Porque, para você, o texto também é luz, ritmo e espaço. Para mim, antes de tudo, foi parte da vida de alguém. Não estou dizendo que uma perspectiva seja mais importante que a outra. Estou dizendo que precisamos encontrar uma maneira de não separá-las.

Aquela frase me fez parar com mais eficiência do que suas objeções anteriores. Não porque revelasse alguma coisa completamente nova. Afinal, desde o início eu queria proteger o anonimato dos autores. Mas suas palavras me lembraram de que as confissões de outras pessoas não se tornavam menos íntimas simplesmente porque ficavam bonitas projetadas numa parede.

Abri o arquivo do projeto.

— Venha comigo até a outra sala por um instante.

No cômodo ao lado havia um pequeno projetor que eu utilizava para testar a tipografia. Apaguei a luz do teto e direcionei o feixe para uma parede branca. Surgiu um fragmento de uma das cartas: "Esperei por você durante mais tempo do que fui capaz de admitir para mim mesma".

As letras apareciam uma após a outra, permaneciam inteiramente iluminadas por alguns segundos e depois desapareciam.

— Você viu os documentos — falei. — Agora quero mostrar por que essa forma é tão importante para mim.

Karol ficou ao meu lado, mantendo uma distância prudente entre nós.

— Estou ouvindo.

— Se eu projetasse as cartas inteiras, as pessoas as leriam como mensagens comuns. Procurariam o começo, o

fim, uma explicação. Quero que encontrem dentro de si uma resposta para uma única frase. Que fiquem sozinhas com ela por alguns instantes.

Acionei o fragmento seguinte. As letras surgiram mais abaixo, quase na altura das nossas mãos.

Karol permaneceu em silêncio por um longo momento.

— Agora entendo — disse.

— O quê, exatamente?

— Por que você não quer assinaturas. Um nome transformaria imediatamente a experiência numa curiosidade sobre o autor.

Senti uma satisfação que não pretendia demonstrar.

— Exatamente.

— Mas isso significa que temos uma obrigação ainda maior de verificar se cada autor realmente concordaria com essa forma de apresentação. Porque ele não pode ficar ao lado do texto e dizer que foi mal interpretado.

Virei-me para ele.

— Você realmente precisa encontrar sempre o outro lado de cada argumento?

— Não. Só quando o primeiro é tão convincente que fica fácil esquecer todo o resto.

Na penumbra, seu rosto parecia diferente. Mais suave. Já não tinha aquela expressão quase provocadora com que entrara na sala de reuniões. Ele observava a projeção, não a mim, e justamente por isso pude examiná-lo sem constrangimento. Tinha mãos fortes, mas manuseava objetos pequenos com uma delicadeza incomum. Uma fina marca de grafite permanecia junto ao punho de sua camisa.

— Você é um colaborador difícil, senhor Witek.

— Já ouvi isso.

— Muitas vezes?

— De pessoas que não deixo fazerem tudo exatamente do jeito que querem.

— E das outras?

Ele olhou para mim.

— Com as outras, às vezes saio para tomar um café.

Não respondi imediatamente. Um pequeno sorriso surgiu entre nós e, por um instante, a conversa deixou de ser sobre trabalho. Aquela sensação era perigosamente agradável, sobretudo porque eu não pretendia complicar minha vida com um novo relacionamento.

Às onze horas, voltamos à sala de reuniões, onde Marta e dois integrantes da comissão de programação nos aguardavam. Apresentamos os resultados da verificação. Nove textos precisavam de documentação complementar, três apresentavam pequenas divergências nos registros e a carta número dezessete havia recebido o status de suspensa até o esclarecimento dos direitos de utilização.

A presidente da comissão, uma mulher de cabelos grisalhos e voz extraordinariamente tranquila, examinou o relatório.

— Vocês conseguirão preparar a instalação sem esses fragmentos?

— Sim — respondi. — A estrutura permite alterar a quantidade de projeções.

— E se a associação não fornecer os documentos?

— Utilizaremos exclusivamente os materiais cuja situação esteja perfeitamente esclarecida.

Karol estava sentado ao meu lado. Não acrescentou nada nem tentou corrigir minha resposta. Só depois que a comissão saiu ele deslizou uma folha com três observações técnicas adicionais na minha direção.

— Você conduziu isso muito bem.

— Não preciso de uma avaliação.

— Não foi uma avaliação.

Olhei para a folha.

— Então foi o quê?

— O reconhecimento de que você sabe defender seu projeto sem sacrificar as pessoas que o criaram com suas palavras.

Senti algo muito mais complicado do que satisfação profissional. O reconhecimento vindo de Karol tinha um peso que eu não esperava.

À tarde, fomos visitar o último pátio do percurso da instalação. A chuva havia parado, mas as pedras do calçamento ainda brilhavam, refletindo o céu cinzento. Mostrei a Karol a parede onde apareceriam os fragmentos finais das cartas. O edifício era antigo, com a fachada irregular e janelas atrás das quais os moradores levavam suas vidas comuns.

— Aqui, o encerramento deve ser quase um sussurro — expliquei. — Uma única linha. Sem música. Sem efeitos adicionais.

Karol tirou algumas fotografias e atravessou o pátio até o lado oposto.

— E se alguém enxergar o texto da janela?

— Foi justamente por isso que escolhi essa altura. A projeção será visível da rua, não dos apartamentos.

Ele assentiu.

— Você pensou muito bem nisso.

Só alguns instantes depois percebi que ele havia abandonado o tratamento formal.

— Não me lembro de termos combinado que passaríamos a nos tratar de maneira informal.

Ele abaixou a câmera.

— Tem razão. Desculpe.

A rapidez de sua reação me surpreendeu. Não transformou minha observação em piada nem tentou me convencer de que eu estava exagerando.

— Não disse que isso me incomoda — respondi.

— Nesse caso, espero sua decisão.

Observei-o pensativamente.

— Ilza.

— Karol.

Ele estendeu a mão. Apertei-a, consciente do absurdo daquela pequena cerimônia depois de tantas horas trabalhando juntos. Sua mão estava quente, e o aperto era firme, sem qualquer demonstração desnecessária de força.

Quando nos despedimos, eu já sabia duas coisas. Karol Witek não me deixaria conduzir o projeto exatamente como eu havia planejado. E, pela primeira vez em muito tempo, eu não tinha certeza de que realmente queria alguém que concordasse comigo o tempo inteiro.

Capítulo 2 - Um Acordo Sobre Palavras Alheias

Na manhã seguinte, acordei com uma mensagem de Marta, três chamadas perdidas do meu estúdio e uma fotografia enviada por Karol às seis e quarenta e dois.

A imagem mostrava a parede de tijolos do último pátio. Não havia pessoas nem palavras luminosas. Apenas uma estreita faixa de sol da manhã atravessando a parede exatamente no local planejado para a projeção. Abaixo da fotografia havia uma única frase: "Mesmo durante o dia, é possível enxergar onde a luz deveria parar".

Durante alguns segundos, fiquei olhando para a tela por mais tempo do que uma correspondência profissional comum justificaria. Depois, respondi que o sol da manhã não estava incluído no cronograma do festival.

A resposta chegou quase imediatamente.

"Que ótimo. Não vamos precisar pedir credenciamento para ele."

Sorri, embora não houvesse ninguém no apartamento para perceber.

Eu alugava um pequeno apartamento em Bydgoskie Przedmieście, com janelas altas e um assoalho que rangia a cada passo. Durante o festival, transformara a sala numa espécie de estúdio improvisado. Sobre a mesa havia amostras de películas para projeção, anotações e mapas impressos dos pátios. Na cozinha, dois copos ainda guardavam vestígios do café do dia anterior. Em circunstâncias normais, aquela bagunça me incomodaria, mas agora eu tinha a impressão de que cada objeto

testemunhava alguma coisa que finalmente pertencia apenas a mim.

Antes de abrir meu próprio estúdio, eu trabalhara numa grande empresa de cenografia. Projetava instalações, assinava dezenas de documentos e assistia às minhas ideias serem transformadas pelas opiniões de pessoas que nunca haviam passado uma noite diante de um projetor. Quando decidi sair, ouvi que ainda não estava preparada para conduzir grandes projetos de maneira independente.

Toruń deveria ser minha resposta. Não uma vingança nem uma demonstração para os outros, mas uma prova apresentada, acima de tudo, a mim mesma.

Às nove horas, liguei para Karol.

— Temos um problema com o cronograma — anunciei, sem cumprimentá-lo.

— Bom dia, Ilza.

— Bom dia. Temos um problema com o cronograma.

Ele soltou uma risada discreta.

— Estou ouvindo.

Expliquei que a associação só poderia disponibilizar os originais de algumas cartas durante os dois dias seguintes. Depois disso, os documentos precisariam retornar ao depósito de conservação. Se quiséssemos complementar a documentação, teríamos de agir rapidamente.

— Posso chegar aí em uma hora — respondeu.

— Também preciso de você amanhã.

Houve um breve silêncio.

— Amanhã já tenho uma sessão de fotos marcada.

— Pode remarcar?

— Não sei. Primeiro preciso conversar com as pessoas a quem prometi esse horário.

Mordi o lábio. Estava acostumada com pessoas que, numa situação dessas, prometiam imediatamente estar disponíveis e só depois explicavam por que não conseguiriam cumprir a palavra. Karol fazia o contrário.

— Entendo — respondi, embora não estivesse com muita vontade de entender.

— Posso ir ao arquivo amanhã depois das três da tarde. Se for tarde demais, ajudo a encontrar alguém para fazer a documentação mais cedo.

— Não quero outra pessoa para quem eu tenha de explicar tudo desde o começo.

— Isso soou quase como um elogio.

— Não se acostume.

Nós nos encontramos no arquivo da associação, instalado no primeiro andar de um pequeno edifício antigo. Fomos recebidos pela senhora Helena, uma mulher idosa que usava óculos presos por uma correntinha e tinha as mãos perfumadas com creme de lavanda. Durante mais de uma década, ela reunira correspondências particulares doadas por moradores da região. Falava sobre aqueles materiais com carinho, mas também com uma cautela especial.

— Às vezes, as pessoas nos entregam coisas que já não conseguem guardar em casa — explicou. — Isso não significa que tenham deixado de amá-las.

Karol assentiu.

— É justamente por isso que queremos verificar cada autorização.

Helena nos conduziu a uma sala com uma mesa grande e luminárias apropriadas para trabalhar com documentos. Preparou luvas, suportes e pastas. Karol começou a organizar o equipamento, enquanto eu abria a relação dos materiais.

Durante a primeira hora, trabalhamos quase sem falar. Ele fotografava as cartas; eu conferia se correspondiam às versões destinadas à projeção. Aos poucos, desenvolvemos um ritmo: número, fotografia, comparação, decisão. Sempre que encontrávamos alguma dúvida, colocávamos a pasta numa pilha separada.

Diante de uma das cartas, Helena demorou um pouco mais.

— Esta foi entregue por um homem que a encontrou no livro de receitas da esposa depois que ela morreu. Eles trocaram cartas durante trinta anos. Nem sempre moraram juntos.

Li um fragmento escrito numa caligrafia pequena e inclinada: "Não preciso que você volte mais cedo. Preciso saber que ainda quer voltar".

Karol olhou para mim por cima da mesa.

— Vai manter a frase inteira?

— Sim. Sem isso, o sentido seria diferente.

Ele não comentou, mas percebi que registrou aquela decisão em suas anotações.

Quando Helena saiu para preparar os documentos seguintes, Karol afastou a câmera.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Depende. É uma pergunta profissional?